CONTO DE HUMOR
A PARTIR DE “OPERÁRIOS”

Gulodices

Por Gislaine Buosi

O dia tinha sido difícil. As máquinas a todo o vapor, as cotas de trabalho foram rigorosamente cumpridas. Carlito, o encarregado da produção, na saída, enquanto os operários se despediam, fez um convite a todos eles:

— Espero vocês pra jantar!

Entusiasmados, cada qual apertou o passo. Um banho rápido, e todos se encontrariam na casa do Carlito.

Entretanto, um deles, o Bigode, alegando qualquer outro compromisso, desculpou-se, agradeceu o convite, e disse que não iria ao jantar.

A novela nem havia terminado, quando a fila de amigos chegou, *boa noite, boa noite*, um perfume barato no ar. O primeiro convidado sugeriu mudar o canal da TV*, melhor ver o jornal do que a novela!*; o segundo, elogiou as folhagens do jardim; o terceiro falou do cheiro de alho frito que se sentia lá da esquina...

As panelas permaneceram em cima do fogão, destampadas, fumacentas. A toalha de plástico foi estendida na mesa, cadeiras e tamboretes não foram suficientes – mas nem por isso se incomodaram! Todos falavam ao mesmo tempo, *a coxa de frango está no ponto*, *dá aí outro copo de refresco*, *o caldo grosso do feijão tá uma delícia* etc., etc.

O telejornal divulgava a enchente aqui e a seca ali, a queda e a alta da bolsa de valores – até que a energia acabou. Ouviu-se um grito único, demorado, e, estranhamente, um arrastar de cadeiras.

É preciso dizer que, depois do grito, ouvia-se apenas um sussurro.

A essa altura, Carlito, com o farolete a pilha na mão, já estava trocando um, dois, três fusíveis da caixa de iluminação, e, de repente, a luz voltou.

O que acontecia enquanto Carlito trocava os fusíveis ninguém viu – viram depois: a mesa desocupada, as cadeiras e os tamboretes espalhados, as panelas vazias e os pratos cheios; os sorrisos amarelos em volta do fogão.

A tempo: o Bigode estava no meio da algazarra – chegou no escuro, trazendo consigo a mãe, a esposa, os três garotinhos e o cachorro.

A fome era muita. As panelas, grandes. A gulodice, maior!